



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NA
PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

GÉSSICA CATARINA FRANÇA GOMES

AFETIVIDADE NO APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM TEA: apontamentos
teóricos

Maceió
2024

GÉSSICA CATARINA FRANÇA GOMES

AFETIVIDADE NO APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM TEA: apontamentos
teóricos

Maceió

2024



Documento assinado digitalmente
GESSICA CATARINA FRANÇA GOMES
Data: 11/01/2025 08:55:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

GÉSSICA CATARINA FRANÇA GOMES

AFETIVIDADE NO APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM TEA: apontamentos
teóricos

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Educação Especial e Inclusiva na Perspectiva Transdisciplinar, do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Artigo Científico defendido e aprovado em 19/10/2024.

Orientadora: Maria Aparecida Pereira Viana

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
MARIA APARECIDA PEREIRA VIANA
Data: 10/01/2025 22:24:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ASSINATURA DE MARIA APARECIDA PEREIRA VIANA

Orientador



Documento assinado digitalmente
MARIA DOLORES FORTES ALVES
Data: 11/12/2024 17:17:55-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) 2



Documento assinado digitalmente
GIVANILDO DA SILVA
Data: 07/01/2025 13:44:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

ASSINATURA DE GIVANILDO DA SILVA

Maceió
2024

AFETIVIDADE NO APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM TEA: apontamentos teóricos

Géssica Catarina França Gomes (UFAL)¹
gessica.gomes@cedu.ufal.br

Orientadora: Maria Aparecida Pereira Viana (CEDU/UFAL)²
maria.viana@cedu.ufal.br

RESUMO

O presente artigo tem como ponto de partida o aprofundamento do estudo acerca da afetividade no aprendizado de crianças com TEA. Reflete sobre o autismo, desde seu histórico à chegada dessas pessoas no contexto escolar e de como a afetividade é ferramenta de inclusão e aprendizagem de crianças com TEA. Tem como base o seguinte questionamento: “A afetividade é um dos caminhos para a aprendizagem de crianças com TEA?”. Este estudo objetiva identificar as contribuições da afetividade no aprendizado de crianças com TEA. Como caminho metodológico, para alcançar o objetivo, foi utilizada a revisão bibliográfica de caráter exploratório com abordagem qualitativa. Os resultados apontam para a existência da arte produzida a respeito da temática, surgindo novas reflexões e questionamentos. Assim, busca-se impulsionar o leitor a debruçar-se sobre todo o material aqui referenciado, para ampliar sua visão enquanto profissional da educação.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade. Aprendizagem. Crianças com TEA.

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), pesquisadora da área de Educação Especial e Educação Infantil, professora da rede municipal da cidade de Maceió, concluinte do curso de pós-graduação em Educação Especial e Inclusiva na Perspectiva Transdisciplinar também pela UFAL.

2 Doutora em Educação: Currículo (PUC-SP), professora do Centro de Educação (CEDU-UFAL).

1 INTRODUÇÃO

A atuação como Profissional de Apoio Escolar da presente autora possibilitou - lhe um olhar positivo que marca sua trajetória na educação. No espaço educacional, a partilha e vivências com crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) materializaram o autismo visto nos livros, levando-o à realidade, pois até então não existia esse contato direto.

O interesse de aprofundamento na temática surgiu durante esse percurso formativo, buscando compreender o TEA, como também essa força vital que é o afeto. A afetividade perpassa e é fundamental em todas as nossas relações. Ela é responsável por impulsionar e dar ânimo, acolher quando é preciso para que se conquiste autonomia.

No contato diário com as crianças com TEA, eram visíveis os laços construídos ao caminhar e lidando diretamente com a importância da confiança da criança em seu professor, essa disponibilidade em se deixar livre para ser quem de fato é. A troca de carinho, a brincadeira, o sorriso, toda essa dinâmica gerava um emaranhado de ligações, de emoções e muito afeto, o que permitia o aprender de forma mais leve. A escuta sensível do profissional, o olhar atento e comprometido faz com que o estudante com TEA sintasse acolhido e assim consiga avançar em suas próprias dificuldades, superando-as

A afetividade permite olhar o outro com maior cuidado e respeito, tentando conhecê-lo em sua complexidade, em sua inteireza. Sabendo que a criança é um ser com múltiplas facetas, é importante que nenhuma seja negligenciada ou deixada de lado.

A afetividade também pode ser utilizada como ferramenta para inclusão e aprendizagem para que as crianças com TEA consigam se desenvolver, trazendo uma vastidão de possibilidades para que o educador consiga realizar seu trabalho.

Nesse sentido, é importante pesquisar e refletir sobre a temática, observar o que diferentes autores apresentam sobre o tema, analisar a aplicabilidade para a sala de aula e ampliar o olhar sobre a beleza e a necessidade cada vez maior de trazer a afetividade como parte fundamental do âmbito escolar. Diante desse contexto, surge o seguinte questionamento: “A afetividade é um dos caminhos para a aprendizagem de crianças com TEA?”. A problemática é abordada como base norteadora de toda a pesquisa e ao longo do processo de desenvolvimento explora os apontamentos de alguns autores, como também, agrega conhecimento sobre o tema proposto, levantando alguns questionamentos para nos fazer refletir, saindo um pouco de nossa zona de conforto.

Esta pesquisa objetiva identificar as contribuições da afetividade no aprendizado de crianças com TEA. Para atender ao objetivo deste estudo algumas ações precisam ser consideradas, tais como: compreender e relacionar à afetividade ao aprendizado de estudantes com TEA; reconhecer as contribuições do afeto para a formação de estudantes com TEA e refletir sobre a afetividade no âmbito escolar.

Para contribuir com reflexões sobre a temática e aprofundar o diálogo, foi trabalhado com alguns autores como Alves (2016/2015), que proporciona ao leitor um encontro consigo mesmo, uma leitura que instiga o autoconhecimento para que se possa conhecer e acolher o outro. Balbino e Gomes (2024) trata especificamente sobre

a importância do Profissional de Apoio Escolar, da afetividade como instrumento de aprendizagem. Porangaba e Gomes (2024) sinalizam a questão da educação inclusiva. Cardoso (2019) aborda importantes contribuições no que tange a afetividade na perspectiva da relação entre professor e estudante. Palmeira (2024) aponta sobre a importância da inclusão dentro do âmbito escolar, entre outros que permeiam e agregam na construção desta pesquisa.

O presente estudo está fundamentado na abordagem qualitativa, como caminho metodológico, foi realizada uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, com a finalidade de compreender a importância da afetividade no aprendizado de crianças com TEA.

No que tange às etapas da pesquisa, que teve início e fim no período de abril à setembro de 2024, foram realizadas buscas para o levantamento de dados bibliográficos, nas seguintes bases de dados: Scielo, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES/MEC. Os descritores utilizados foram: Educação Inclusiva, Transtorno do Espectro Autista, Afetividade, Aprendizado de crianças com TEA.

Os critérios de inclusão foram artigos escritos em português, com até 5 anos de publicação e que tratassem especificamente do tema proposto. Nessa perspectiva, os critérios de exclusão foram artigos publicados em língua estrangeira, com um tempo maior que 5 anos de publicação e os artigos que não tinham como ponto central a temática abordada. Após análise cuidadosa dos dados, foram selecionados alguns textos e assim deu-se início à escrita da pesquisa.

Esta pesquisa está organizada em seções. Além de introdução e considerações finais, foi trazido aporte teórico para que houvesse uma contribuição positiva às reflexões abordadas durante o texto. A princípio, é necessário compreender o histórico do TEA, para que as demais discussões sejam feitas. Assim, pensando em autismo no âmbito escolar, evidencia-se o fato de como se relacionam professores e estudantes

com TEA, na sala de aula. Sendo assim, surge espaço para expressar a importância da afetividade na perspectiva da inclusão escolar, e perceber como a afetividade está intrinsecamente ligada ao aprendizado de crianças com TEA. Existe também um tópico específico para se tratar do método da pesquisa, finalizando com a análise e discussão de tudo que foi abordado durante o texto, para que se proporcione uma leitura agradável e coesa ao leitor.

2 APORTE TEÓRICO

Esta parte da pesquisa visa compreender o Transtorno do Espectro Autista e sua relação com a sociedade. Os próximos tópicos, irão refletir sobre o histórico do TEA, o autismo no âmbito escolar, a afetividade na perspectiva da inclusão escolar, a afetividade e o aprendizado de crianças com TEA. Para isso, autores como Alves (2015/2016), Balbino e Gomes (2023), Gomes e Porangaba (2024) foram usados como referência, por tratarem da temática com seriedade e respeito.

Considerando a pertinência da temática, são levantados ao longo da pesquisa, reflexões importantes ao leitor, principalmente àqueles que fazem parte da educação, têm contato direto com estudantes com TEA. A pesquisa visa instigar a curiosidade de quem fizer sua leitura, trazendo informações relevantes no que diz respeito ao desenvolvimento da pessoa com autismo.

2.1 HISTÓRICO DO TEA

Até pouco tempo, o transtorno do Espectro Autista não era um tema ~~tão~~ estudado, inclusive alguns autores apontam que, muitas vezes, era confundido com esquizofrenia. Mas, ao longo do tempo, perceberam que havia equívocos nessa informação que precisavam ser investigados mais profundamente. Assim, o espectro autista tem sido cada dia mais pesquisado em diversos campos de estudo. A temática vem adquirindo maior visibilidade, ocasionada pela propagação da informação, já que

cada vez mais pessoas vêm explanando e dando visibilidade ao autismo, o que é de suma importância.

Quando se fala em Transtorno do Espectro Autista, ainda existem inúmeras incertezas. Houve muitos avanços graças à perpetuação do conhecimento, mais pessoas tendo acesso ao tema e falando sobre o assunto de forma concisa e respeitosa, mas ainda é necessário expandir o campo de pesquisa em torno da temática.

Diversos autores de várias áreas vêm contribuindo para a difusão de reflexões a respeito do TEA, como aponta as autoras Balbino e Gomes (2023, p.14), quando dizem que o Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido campo de estudos e de pesquisas frequentes de diversos autores, tanto no que diz respeito a fatores ligados à saúde, como no vasto leque de possibilidades no âmbito da educação. Profissionais da área da saúde e da educação estão cada dia mais unidos para que haja avanços no desenvolvimento da pessoa com TEA. É imprescindível, para um cuidado global, pensar no autismo em suas múltiplas faces, em sua complexidade, em seu todo.

Para que fosse possível desfrutar do cenário atual, que ainda não é o ideal, mas que já teve avanços significativos, foi necessária muita luta. Dando ênfase a esses avanços, as autoras Gomes e Porangaba (2023) trazem dados importantes a serem refletidos e lembrados:

Dessa forma, para que a educação fosse ofertada para todos, foi necessário a criação de políticas públicas que garantissem o direito à educação para todos, independente de características ou origem. Essas políticas têm como objetivo criar um ambiente propício para a igualdade de oportunidades na educação, eliminando barreiras e discriminação. Inicialmente, esse processo começou com encontros internacionais que buscaram ampliar esse acesso de maneira universal, tornando os países signatários destas ações. O Brasil, foi um deles. (Gomes; Porangaba, 2023, p. 183-184)

Pensar em maneiras de incluir pessoas com autismo no ambiente escolar é de grande importância e faz-se cada dia mais necessário. Não se pode omitir a presença dessas pessoas na sociedade, deve-se buscar formas de criar ambientes propícios para

que a inclusão de fato aconteça. A educação na escola começa desde o portão com o vigilante, perpassando por todos os ambientes da instituição e por todos aqueles que fazem parte da formação dos alunos, que atuam direta ou indiretamente com os envolvidos. Todos precisam estar preparados para o mesmo objetivo, o de educar, pensando no processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo.

2.2 AUTISMO NO ÂMBITO ESCOLAR

Teve-se um marco positivo em relação ao que tange à educação de pessoas com deficiência. Essas pessoas estão tendo maior acesso à escola e ao ensino. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) apontam que:

Do total de matrículas, 53,7% são de estudantes com deficiência intelectual (952.904). Em seguida, estão os estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), com 35,9% (636.202) delas. Na sequência, estão pessoas com deficiência física (163.790), baixa visão (86.867), deficiência auditiva (41.491), altas habilidades ou superdotação (38.019), surdez (20.008), cegueira (7.321) e surdo-cegueira (693). Além disso, 88.885 estudantes possuem duas ou mais deficiências combinadas. (Brasil, 2024)

Apesar dos avanços, notamos que a luta ainda não acabou, ainda há muito a se fazer, para que haja de fato inclusão. A chegada dessas pessoas, em específico do público com TEA nas escolas, só reafirma que precisamos de professores e equipe qualificada para bem atendê-los. Quando um estudante chega à escola, toda a equipe deve estar ciente de sua responsabilidade para com ele. Ao se falar em um estudante com autismo, essa responsabilidade deve vir em dobro, não como um peso, mas como convicção de que devemos trabalhar com o conceito de equidade, ou seja, ofertar o que cada estudante precisa em determinada situação, percebendo suas diferentes necessidades.

No âmbito escolar, a pessoa com autismo pode ter inúmeras dificuldades de adaptação, pois sua rotina foi alterada e até que haja uma reorganização interior, que pode demorar mais ou menos, dependendo da rigidez cognitiva do indivíduo, esse

processo pode ser lento e doloroso. O professor comprometido com a educação deve levar em consideração alguns pontos para que seu papel seja exercido com excelência: “É essencial que o professor tenha total ciência de seu papel na construção da personalidade de uma criança. Portanto, deve observar com atenção às experiências de cada um, além de considerar o contexto familiar e social, no qual os educandos se encontram inseridos.” (Rodrigues, 2020, p. 6)

Todas essas particularidades, ao serem observadas com respeito e afeto, podem proporcionar uma adaptação mais humana, em que o sujeito é acolhido em sua completude, levando-se em consideração o meio em que vive, sua rotina, suas preferências, potencialidades e tantas outras questões que lhe é intrínseco. Por isso, é fundamental lembrar a importância da parceria entre a família e a escola. A família deve alinhar suas expectativas com os profissionais da educação, estar presente, passar informações a que somente ela tem acesso sobre as particularidades de seu bem mais precioso, de seu familiar. Coisas que podem parecer supérfluas ou sem valor, tornam-se base de um potencial desenvolvimento.

Elencar informações de temas do interesse do estudante, música que o encanta e o anima, textura que o atrai, são pequenas ações que promovem a inclusão dentro do âmbito escolar. Sobre essa parceria, Rodrigues (2020, p.10) afirma que: “Apesar de apresentar dificuldades de socialização, os alunos autistas respondem bem aos estímulos positivos, por isso mesmo deve ser estabelecida uma forte parceria entre escola e família”. Todo estímulo que vier a favorecer essa relação entre os estudantes com TEA e seu professor deve ser acolhido na prática diária do educador.

2.3 AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DA INCLUSÃO ESCOLAR

Pessoas com autismo tendem a apresentar prejuízo na comunicação convencional, falta de compreensão dos comandos mais simples aos mais complexos, razão pela qual, dependendo do nível de suporte, a pessoa precisará de apoio para

realizar atividades do cotidiano, conforme evidenciado no DSM-V e explicitado de forma mais clara por Balbino e Gomes (2023, p.15):

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (2014), as pessoas com TEA apresentam características específicas, que variam de acordo com o nível de gravidade ou suporte necessário. Pessoas no nível 1 (exigindo apoio) ao nível 3 (exigindo apoio muito substancial). Ou seja, esses níveis servem como especificadores para descreverem o quanto de apoio essas pessoas precisam para realizar atividades da vida diária, das situações mais complexas como fazer compras ou mais simples como beber água.

Cada pessoa com autismo deve ser olhada de forma individualizada e única, o que serve para um, nem sempre irá interessar ao outro. A comparação deve ser evitada no sentido de generalizar o espectro, pois cada criança poderá reagir de forma diferente apesar de estímulos semelhantes.

Precisamos, antes de ver o diagnóstico, conhecer a pessoa. A observação faz-se instrumento de grande valia na relação humana como um todo, principalmente ao se tratar da pessoa com TEA. O transtorno existe, mas em cada pessoa apresentará características únicas, jeitos diferentes em cada um. Além do autismo, precisamos pensar na pessoa por inteiro, na sua completude, sua personalidade, temperamento, gostos e trejeitos, isto é, na sua subjetividade. Não é observar por observar, mas a observação como caminho de conhecimento, de disposição de compreender o outro de forma completa e complexa.

Dentro do espectro, existem aquelas pessoas atualmente chamadas de “não verbais”, que ainda não desenvolveram a linguagem oral, mas a oralidade não constitui questão central, pois há linguagens diversas, infinitas maneiras de comunicar-se. O enfoque está para a nossa disponibilidade de ouvir o que não foi dito, ler o que não foi escrito e compreender antes mesmo da compreensão. Sobre isso, os autores destacam que:

Existem, todavia, conteúdos afetivos que se originam em estágios pré-verbais e não podem ser traduzidos em sua totalidade pela fala,

causando empobrecimento da experiência e consciência subjetiva - de si e do outro, havendo a necessidade de um resgate de outras modalidades de comunicação, que possibilitem o acesso àquilo que escapa ou está latente na linguagem, enriquecendo a interação humana. (Pieczarka; Valdivieso, 2021, p.15) ..

Nessa relação, vale muito observar as entrelinhas, dispor-se a conhecer o sujeito em sua completude. É preciso agregar valor às interações humanas, ao olhar, ao toque, ao movimento ou à falta dele, ao som que diz tudo e às vezes não nos diz nada. Conhecer o outro exige entrega e disposição, comprometimento e paixão por aquilo que se exerce. Rodrigues (2020, p. 09), destaca: “A forma com que essas crianças conseguem se comunicar requer muita atenção e quando conseguimos captar essas mensagens e passamos tal confiança para estes alunos, a comunicação se estabelece. Essa linguagem é criada depois de um longo processo de afetividade e carinho”.

A comunicação vai além do falar; é sentir, pulsar, inquietar. Alves (2016) nos faz refletir sobre essa comunicação, dizendo: “É preciso que escutemos a nós mesmos. Assim, estaremos abertos ao outro. Ao outro que falará em nós e conosco.” (Alves, 2016, p. 75). A abertura, a disponibilidade nos impulsionam a bem comunicar-se, decifrando as razões e emoções envolvidas no modo de viver e existir.

Tendo em vista toda a necessidade de comunicar-se, é importante destacar a necessidade de fortalecimento das relações com os pares. Como o professor é parte crucial para o processo de inclusão, respeito e amor, “a forma como o professor lida com o aluno com TEA pode ser uma espécie de espelho para o comportamento de aceitação da diferença no contexto escolar” (Cardoso, 2019, p. 7).

A postura do professor, perante as diferenças, acaba refletindo e incentivando comportamentos positivos ou negativos nos demais envolvidos no contexto escolar, inclusive nas demais crianças da turma. Por esse motivo e tendo em vista a responsabilidade de ocupar tal posição, o professor é uma autoridade que não é autoritária, mas alguém que serve de modelo e exemplo para toda uma sociedade,

principalmente dentro do contexto escolar. Os estudantes nos têm como alguém a seguir os passos, em cuja postura devemos confiar. Não podemos manchar nossa reputação, não fazendo o que é correto, ou seja, é preciso incluir de forma verdadeira e amorosa.

Deve-se quebrar o paradigma de que as pessoas com autismo não gostam de abraços, são insensíveis ou avessos ao carinho. Alguns autores nos dizem que: “Embora a pessoa com TEA tenha uma tendência a ficar em seu mundo e pode apresentar resistência ao toque, não significa dizer que ela não possui afetividade alguma, pois o afeto está ligado a muitos tipos de sentimentos e não apenas às dimensões tácteis” (Pinheiro; Lucena Filho, 2020, p.2). Ou seja, deve-se investigar como a pessoa com TEA sente-se amada. Às vezes não é de um abraço que a pessoa precisa, é de um sorriso, um gesto, um olhar. A afetividade vai além do toque, como erroneamente se costuma pensar.

Conhecer é a estratégia mais eficaz no que tange à ideia de inclusão. Cada ser é único e indispensável, portanto, deve ser amado em suas qualidades e particularidades, algumas vezes necessitando de ajustes em sua rotina para bem viver.

2.4 AFETIVIDADE E APRENDIZADO DE CRIANÇAS COM TEA

A escuta sensível deve ser norteadora de todas as relações humanas, em especial no que tange à relação estudante e professor. Essa relação não deve ser de disputa de poder, no qual apenas um pode liderar, mas ao contrário. Seguindo o caminho de ouvir o outro, todos ganham e todos aprendem diariamente, com uma escuta que favorece o processo de forma humanizada e afetiva. “Na escuta sensível, devemos ter a sensibilidade de sentir o universo cognitivo, afetivo, e imaginário do outro, para compreendermos suas atitudes, seus comportamentos, seus sistemas de ideias, de valores, de mitos e símbolos” (Alves, 2016, p. 76).

Para que de fato ocorra a escuta sensível, é preciso ter entrega e disponibilidade para conhecer o outro. Com ela, não levamos em consideração o que está imposto, mas o que o sujeito tem a nos dizer, a nos comunicar, mesmo que seja sem palavras, fazendo uso de gestos, cores, sons, cheiros e emoções. A escuta sensível nos põe a serviço do outro, na entrega, para que assim o outro possa brotar e florescer.

A escuta sensível é a porta aberta da afetividade, a qual é a base do aprendizado, pois com ela é possível tocar almas. A afetividade leva em consideração muito mais que os conteúdos disciplinares, olhando cada estudante como único, importando-se com seus avanços, com o romper das barreiras, oportunizando-lhe a melhoria como cidadão de uma sociedade de múltiplas facetas. “Sendo assim, podemos dizer que a afetividade exerce influência significativa no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que ensinar não significa apenas transmitir conhecimento, e sim oportunizar ao educando a aprendizagem por meio da medição do conhecimento. [...]” (Pinheiro; Lucena Filho 2020, p. 3).

Como professores, temos a oportunidade de marcar a vida dos estudantes de forma positiva ou negativa e isso é muito forte. Que assumamos esse papel com respeito e certeza do que queremos. Nosso trabalho poderá refletir numa mudança de sociedade, num fortalecimento de grupos sociais marginalizados, na autoconfiança e autonomia dos estudantes com TEA e demais estudantes. Sobre essa relação, Alves (2015, p. 146) salienta que a relação do adulto com o jovem tem grande influência no desenvolvimento cognitivo e afetivo- emocional, especialmente quando este adulto ocupa um lugar de poder, como é o caso da relação entre professor e aluno.

Para que a pessoa com autismo consiga ter avanços significativos, ela precisa de um acompanhamento multidisciplinar, mas é perceptível a dificuldade de se conseguir auxílio de uma equipe com multiprofissionais, quando se fala no serviço público. Muitas das vezes, o estudante conta apenas com a boa vontade do professor da sala regular, não tendo acompanhamento de nenhum outro profissional. Percebe-se então a necessidade de que este, por sua vez, seja qualificado, tenha formação

continuada, pois acabará tendo que dar conta de mais situações, considerando essa dificuldade do atendimento multidisciplinar que não é a realidade de todos os estudantes com TEA.

Quando a pessoa com autismo tem acompanhamento, deve existir a parceria entre os profissionais que o acompanham e a escola. A ponte deve ser feita para que o maior beneficiado seja a pessoa com autismo, de forma que ela possa sentir que os que estão ao seu redor se importam com suas necessidades. Sobre isso, em uma entrevista, a professora Joana afirma que:

O aluno que é respeitado, que o professor tem o olhar de afeto, ele se desenvolve mais, ele tem mais confiança no processo de educação, tem mais confiança no profissional, eu acho que cresce mais. Na questão da aquisição da leitura, da escrita, na compreensão das regras de convivência, a criança vai se transformando num indivíduo mais seguro, mais autônomo, mais alegre, porque o processo afetivo, traz toda essa alegria, no aprender mais saudável, demais respeito, então a afetividade ela é muito importante, nas questões cognitivas eu acho que é como um carro-chefe, você tem que ter respeito, zelo, e ser bastante pontual no que diz respeito ao seu papel de ensinante, é de ensinar mas com afeto (Entrevista Joana) (Cardoso, 2019, p.11)

Como apontado pela entrevistada Joana, a afetividade auxilia de forma positiva em diversas áreas de aprendizagem. Essa realidade faz-se presente na compreensão no mundo social, das relações com seus pares, no campo emocional, envolvendo os sentimentos, e até mesmo nas questões mais voltadas para a escolarização, considerando as áreas mais específicas como aquisição da leitura, compreensão matemática e demais disciplinas. Quando os estudantes constroem uma ligação com seu professor, o caminho fica mais fácil de ser trilhado e os resultados mais alcançáveis.

Sobre isso, Vygotsky (1994) complementa:

Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais o pensamento, devemos fazer com que as atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm mostrado que um fato impregnado de emoção é recordado mais sólido, firme e prolongado que um feito indiferente. Cada vez que

comunicarem algo ao aluno tente afetar seu sentimento. A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento.” (Vygotsky, 1994, p.117-119)

Os autores confirmam que o caminho mais bonito para se trilhar, no âmbito educacional, é o da afetividade. A afetividade nos torna disponíveis e abertos para o outro. Quão bom seria que todos estudantes tivessem marcas de amor em sua trajetória escolar, que muito mais que conteúdos eles aprendessem sobre respeito, empatia e afeto. Quão lindo será perceber que a sociedade mudou por termos plantado sementes durante nossa trajetória enquanto educadores. O futuro também depende de cada um de nós, que estamos construindo o agora. Precisamos nos responsabilizar pelo mundo que almejamos. É nosso dever sermos melhores profissionais a cada dia, empenhados em ver um mundo mais afetivo, tocando outros seres com o amor que brilha em nós.

3 MÉTODO

Como mencionado anteriormente, o presente estudo está fundamentado na abordagem qualitativa. Como caminho metodológico, foi realizada uma revisão bibliográfica de caráter exploratório, com a finalidade de compreender a importância da afetividade no aprendizado de crianças com TEA. As etapas da pesquisa foram realizadas durante o período de abril a setembro de 2024.

A busca inicial ocorreu pelo Scielo, Google Acadêmico e Portal de Periódicos da CAPES/MEC, pesquisando as palavras chaves como: Educação Inclusiva, Transtorno do Espectro Autista, Afetividade, Aprendizado de crianças com TEA. Nessa busca foram encontrados muitos artigos, mas apenas 4 passaram pelos critérios de aprovação e foram aceitos para ser base do estudo, como apontado anteriormente na introdução desta pesquisa.

As etapas foram divididas em levantamento de dados bibliográficos, investigando autores que abordam essa temática. Nessa mesma perspectiva, realizou-se

a coleta de dados, observando os critérios de inclusão e exclusão. Após essas etapas, foi necessário analisar os dados coletados e assim se deu início à redação preliminar, que deu origem a este trabalho de pesquisa. Sobre a pesquisa bibliográfica, Lima e Miotto (2007) destacam a importância de se conhecer o caminho metodológico para que não haja nenhum equívoco:

Não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isto acontece porque falta compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. (Lima; Miotto, 2007, p. 2)

A pesquisa bibliográfica é parte crucial de toda pesquisa, ou seja, ela é o ponto de partida, pois permite que a pesquisa, seja ela qual for, saia do campo imaginário e se torne real, concreta, oportunizando ao pesquisador, usar as estratégias cabíveis para cada uma das possibilidades que tem em mãos. Seja qual for o método escolhido, ele deve ter consciência do resultado que almeja alcançar.

Os autores ainda acrescentam:

Ao apresentar a metodologia que compõe determinada pesquisa, busca-se apresentar o “caminho do pensamento” e a “prática exercida” na apreensão da realidade, e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale. O processo de apreensão e compreensão da realidade inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidos pelo pesquisador para alcançar respostas ao objeto de estudo proposto. (Lima; Miotto, 2007, p.3)

Sendo assim, o pesquisador, ao escolher o “caminho do pensamento”, deve ter a compreensão de que de alguma forma sua visão da realidade estará presente no resultado da pesquisa. Sua compreensão de realidade é parte intrínseca das respostas alcançadas.

Apesar de ser um estudo com temática relevante, atualmente, a pesquisa apresenta limitações que devem ser observadas por quem tiver interesse: a temática é recente, podendo apresentar inúmeras alterações no decorrer dos anos e com o avanço dos estudos. A pesquisa é sempre inacabada, sempre pode haver a necessidade de mudanças, de acrescentar alguma informação ao que está posto. Há grande movimentação para que as leis atualmente em vigor possam ser vivenciadas na prática. Isso de fato resultará em mudanças no cotidiano escolar, o que poderá impactar de forma positiva os avanços já obtidos por meio de muita luta. Por fim deve-se levar em consideração todas as limitações que foram elencadas e as demais que possam surgir ao decorrer do tempo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O estado da arte sobre a afetividade no aprendizado de crianças com TEA, tratado no presente artigo, aborda um percurso de estudos bibliográficos a respeito da afetividade no processo de ensino e aprendizagem das crianças com TEA, enfatizando a necessidade e a importância da efetividade em meio à relação professor e aluno no ambiente escolar.

Como abordado anteriormente na metodologia, foram seguidos alguns critérios para inclusão e exclusão de artigos que tratassem especificamente da temática abordada. Após análise criteriosa, alguns trabalhos foram aceitos para fazer parte desse diálogo. Foram eles:

Nº	TÍTULO	ANO	INSTITUIÇÃO/ REVISTA	AUTORES	OBJETIVO GERAL
----	--------	-----	-------------------------	---------	----------------

1	A afetividade na relação professor e aluno com TEA na educação infantil	2019	Revista Caparaó	Lorena Tamillys Silva Cardoso	Discutir a afetividade na relação professor e aluno com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) na educação infantil.
2	Afetividade na aprendizagem do aluno com Transtorno do Espectro Autista	2020	Revista Expressão Católica	Janine Cipriano Pinheiro/Everaldo Lauritzen Lucena Filho	Compreender qual a importância da afetividade no processo de aprendizagem do autista.
3	A relevância da afetividade para a inclusão de alunos autistas na educação infantil	2020	Revista Iniciação & Formação Docente	Alessandra Maria Rodrigues/Cláudia Terra do Nascimento Paz	Identificar a relevância da afetividade no processo de ensino- aprendizagem do aluno autista, além de traçar estratégias para alcançar a excelência no processo educacional, tendo em vista o acesso à educação regular para alunos com necessidades especiais.
4	Vínculo afetivo, aprendizagem e autismo: reflexões sobre a relação professor-aluno	2021	Revista Cognition	Thiciane Pieczarka/Tiago V. Valdivieso	Discutir o papel do vínculo afetivo na relação professor-aluno em processos de ensino-aprendizagem de estudantes com transtorno do espectro autista.

Fonte: A autora

Cada autor impactou positivamente e abriu o leque de possibilidades para que fosse possível tirar a pesquisa da mera vontade de se fazer, trazendo-a para a realidade, pensando o autismo como algo presente no cotidiano da sala de aula. Com a leitura de cada artigo, é possível fazer a ligação com o cotidiano vivenciado por cada professor que atua dentro da perspectiva da educação especial e inclusiva. E isso é de suma importância. Entende-se então que a literatura busca cada vez mais se aproximar da realidade do leitor que a procura.

Com o texto 1, é possível compreender melhor o autismo vivenciado nas salas de referências e perceber a afetividade no cotidiano do professor da Educação Infantil. Esse professor é alguém importante, pois pode ser o primeiro contato da criança para

além do grupo familiar, cabendo-lhe impulsionar a criança com autismo a desenvolver em sua totalidade, evidenciando a autonomia necessária para a realização de atividades do cotidiano. O texto nos faz refletir quão especial e interessante pode ser essa experiência para crianças com autismo.

O artigo 2 torna evidente que a afetividade se faz cada vez mais necessária para que seja possível o desenvolvimento e a aprendizagem de estudantes com TEA. Este artigo está de acordo com os pensamentos da autora da referida pesquisa, mostrando que a afetividade é um caminho possível para alcançar bons resultados no que tange ao trabalho com pessoas com autismo.

O estudo 3 aponta a afetividade como precursora da tão almejada inclusão, tendo em vista que com ela é possível conhecer mais profundamente a pessoa com autismo, percebendo qual os interesses e necessidades de cada indivíduo. A afetividade está lado a lado da inclusão. Ela impulsiona o trabalho do professor, tornando-o disponível ao outro.

A pesquisa 4 traz reflexões necessárias sobre a relação professor e aluno, afastando a ideia antiquada de que o professor deve ser uma autoridade autoritária, detentor exclusivo do saber. Ao contrário, a pesquisa vem recordar a importância das relações saudáveis no processo de aprendizagem, trazendo o alerta da necessidade humana de boas relações.

Todos os autores dos artigos utilizados nesta pesquisa concordam que a afetividade é uma estratégia e caminho para a aprendizagem de crianças com TEA. Aos professores e demais envolvidos no âmbito da educação, recomenda-se a leitura minuciosa destes já citados, como também de outros que possam não ter sido contemplados neste estudo, pois o mesmo é sempre inacabado. Vale a cada um, a busca ativa em fontes seguras e confiáveis para ampliar-se o conhecimento pessoal e profissional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração toda a pesquisa, acredita-se que esta leitura é atualmente de grande valia, principalmente para os profissionais da educação, familiares e amigos de pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

Foram encontradas evidências nas literaturas de que a afetividade é um dos caminhos mais belos para se trilhar, quando se fala em inclusão da pessoa com autismo. Com a afetividade é possível criar laços e fortalecer as relações humanas. Todavia, vale ressaltar que o afeto é único para cada ser. Nesse caso, é importante e primordial voltarmos ao conceito de empatia e equidade, para que se possa colocar no lugar do outro, com respeito e amor, vendo o que cada indivíduo precisa para sentir-se bem, acolhido e incluído na prática diária da sala de referência/aula.

Tendo em vista a recente descoberta e levando em consideração que até pouco tempo não se falava em Educação Especial, inclusão e tampouco afetividade, é notório que ainda é necessário debruçar-se muito sobre a temática, para que de fato a afetividade possa atuar como peça chave no aprendizado de crianças com TEA.

É importante debater sobre a afetividade nas formações continuadas, para que os profissionais da educação estejam sempre se atualizando sobre o estado da arte daquela que é crucial para o bem estar de seus estudantes, principalmente no que tange ao estudante com autismo. Com esta leitura, espera-se que o leitor seja impulsionado a buscar constantemente oportunidades de renovar seu olhar para o outro, mas que ele também seja encorajado a olhar para dentro de si e perceber como sua prática irá influenciar e ser reflexo para dezenas/centenas de crianças que passarem por sua trajetória enquanto educador.

REFERÊNCIA

ALVES, Maria Dolores Fortes. **Práticas de aprendizagem integradoras e inclusivas: autoconhecimento e motivação** / Maria Dolores Fortes Alves; Prefácio de Ivani Fazenda; Apresentação de Ruy Cezar do Espírito Santo. -1 ed.- Rio de Janeiro: Wak Editora, 2016.

ALVES, Maria Dolores Fortes. **De professor a educador: contribuições da psicopedagogia: ressignificar os valores e despertar a autoria** / Maria Dolores Fortes Alves. - 3 ed.- Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). DSM 5: **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais** . 5ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Disponível em: < <http://www.institutopebioetica.com.br/> > Acesso em: 25 mai. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2024** . Disponível em: < <https://www.gov.br/inep/pt-br> > Acesso em: 02 jun. 2024.

BALBINO, Alice Rany Cândido; GOMES, Géssica Catarina França. **As dificuldades de adaptação escolar de crianças com TEA e o papel do profissional de apoio escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso – Pedagogia - UFAL Maceió, 2023.

CARDOSO, Lorena Tamillys Silva. **A afetividade na relação professor e aluno com TEA na educação infantil.** Revista Caparaó, V. 1, N. 2, e9, 2019. Disponível em: < <https://revistacaparao.org/caparao/article/view/9> > Acesso em: 28 mai. 2024.

LIMA, Telma Cristiane Sasso de. MIOTO, Regina Célia Tamaso. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica.** *Revista Katálisis*, 10 (spe), 37–45, 2007. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004> > Acesso em: 02 jun. 2024.

PALMEIRA, Lana Lisiêr de Lima; LIMA, Renata Souza; SANTOS, Edlene Cavalcanti. Educação Especial, Inclusão & Direitos Humanos: reflexões não apenas para ler, mas para fazer valer. GOMES, G.C.F; PORANGABA, L.R. **Educação antirracista e inclusiva: uma análise sobre sua importância nas escolas.** Goiânia: Phillos Academy, 2024. 204 p. Disponível em: < <http://www.phillosacademy.com> > Acesso em: 01 jun. 2024

PIECZARKA, Thiciane. VALDIVIESO, Tiago. V. **Vínculo afetivo, aprendizagem e autismo: reflexões sobre a relação professor-aluno.** Revista Cógno v.3:1 (2021) 59 – 77. Disponível em:< <https://www.revista.fidelis.edu.br/index.php/cognito/article/view/52> > Acesso em: 29 mai. 2024.

PINHEIRO, Janine Cipriano. LUCENA FILHO, Everaldo Lauritzen. **Afetividade na aprendizagem do aluno com transtorno do espectro autista.** Revista Expressão Católica, 2020. Disponível em: < <https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/CATOLICA> > Acesso em: 30 jun. 2024.

RODRIGUES, Alessandra Maria. PAZ, Cláudia Terra do Nascimento. **A relevância da afetividade para a inclusão de alunos autistas na educação infantil.** Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2020.

Disponível em: < <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistagepadle/article/view/4985> > Acesso em: 30 mai. 2024

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente.** São Paulo, 1994.